

A Cidade da Parahyba através dos anúncios da imprensa da segunda metade do século XIX

Maria Simone Morais Soares¹
Nirvana Lígia Albino Rafael de Sá²
Doralice Sátyro Maia³

Introdução

A prática de utilizar documentos históricos como recurso metodológico à investigação está ligada principalmente à pesquisa histórica, contudo não se limita a esta ciência, como alguns insistem em afirmar. O nosso intuito neste trabalho é o de demonstrar de que forma os documentos históricos, e mais particularmente os anúncios veiculados em jornais da Cidade da Parahyba na segunda metade do século XIX, podem ser utilizados para o estudo da história dessa cidade. Mais particularmente, trataremos aqui dos usos e das funções a que eram destinadas as principais ruas deste núcleo urbano, enfatizando, a partir dos anúncios de comércios e serviços como estes se encontravam distribuídos pelo espaço. É a partir desta análise que podemos inferir acerca da divisão da Cidade da Parahyba em cidade alta e baixa, divisão esta que não se limitava às características topográficas, visto está assentada a cidade baixa na planície do Rio Sanhauá (local em que foi originada), e a cidade alta sob o tabuleiro. Os anúncios publicados nos jornais da cidade no período analisado são para nós, neste trabalho, a fonte de documentos de origem primária, a partir da qual pudemos caracterizar o espaço urbano da Cidade da Parahyba, no século XIX. Para tanto, partimos de uma discussão metodológica acerca do que vem a ser a geografia histórica, mais exatamente a urbana, a fim de explicar de que forma esta pesquisa vem sendo realizada e posteriormente abordaremos o uso dos documentos históricos em suas mais variadas formas, e sobretudo, a utilização da imprensa e dos anúncios veiculados na mesma enquanto fonte documental, ou mesmo, objeto de pesquisa.

¹ Graduanda em Arquitetura e Urbanismo - UFPB.

² Mestranda em Geografia - UFPB

³ Prof^a Dr^a em Geografia - Depto. Geociências – UFPB

Os documentos históricos e a pesquisa sobre o espaço urbano

A reconstrução de áreas passadas é um trabalho como já disse Maurício de Abreu de montar um quebra-cabeças, posto vivenciarmos uma constante busca por dados que evidencie essas áreas e sua trama física. Para essa tarefa ser cumprida deve-se recorrer a elementos econômicos, habitacionais e sociais expostos através dos documentos históricos que possam contribuir com este “quebra cabeças espacial”. Carl Sauer diz que “una peculiaridad de la tradición geografica norteamericana ha sido su falta de interes por los procesos y secuencias históricos, incluso para negarlos” (Sauer, ANO: 36), ou seja, o autor enfatiza uma falta de tradição geográfica, particularmente, da geografia norte-americana, (a qual estava inserido), para o estudo dos processos e seqüências históricas. Estes processos podem ser analisados na geografia, não apenas aqueles que estejam colocadas dentro dos recortes temporais pesquisados, mas também que tenham ocorrido anteriormente a estes e possam, por sua vez, contribuir com o entendimento sobre como esse espaço se encontra na atualidade. Sauer enfatiza ainda que a geografia em qualquer uma de suas áreas deve investigar os processos que deram origem àquele espaço.

El geografo historiador debe ser, por lo tanto, un especialista regional, pues no sólo debe conocer la región com es hoy, también debe conocer sus lineamientos tan bien que pueda encontrar en ellos las huellas del pasado. Se puede decir que requiere de la habilidad de poder ver el terreno con los ojos de sus antiguos ocupantes, desde el punto de vista de sus necesidades y capacidades. Esta es la tarea más difícil de la geografía humana, el evaluar localidad y situación desde el punto de vista del grupo cultural y del tiempo que se estudia. Sin embargo es una experiencia gratificante saber que uno ha tenido acceso a una cultura distinta en tiempo y contenido de la nuestra. (Sauer, 1940: 40)

Muitos autores salientam a dificuldade encontrada para a realização de pesquisas históricas, no tratamento de questões que dizem respeito aos homens simples. Para o espaço urbano isso se torna nítido ao tentarmos entender, por exemplo, as habitações da classe pobre. A história que se escreve, principalmente nas fontes de documentos oficiais é a dos “grandes homens”, políticos, médicos, engenheiros, proprietários de terra, enfim da elite. Esse fato configura-se enquanto uma dificuldade para uma análise mais ampla do espaço, posto termos, através deste tipo de documentos, os oficiais, tais como decretos, leis, posturas, determinações, relatórios de obras finalizadas, entre outros, o discurso da elite, e não da população em geral. Daí

decorre a importância na análise de fontes históricas documentais que retratem essa classe menos favorecida da cidade, o que pode ser realizado, sobretudo a partir da análise de jornais e revistas. A partir destes, as ditas fontes não-oficiais, podemos interpretar e analisar o espaço sob outro olhar que não o da classe mais abastada, ou seja, daquela responsável pela gestão do espaço urbano. No nosso entendimento, para que essa barreira seja vencida, como já dito, um bom recurso é o de utilizar não apenas os documentos oficiais, mas, sobretudo, documentos não-oficiais, tais como os jornais e revistas, anteriormente citados, que eram publicados à época e que muitas vezes trazem notícias curtas, de reclamação de serviços por parte da população, ou dos anúncios veiculados nos mesmos. Para este trabalho, contudo, nos limitamos a analisar os anúncios, para que possamos entender de que forma se dava a distribuição dos serviços e do comércio pela cidade, e por conseguinte, para que possamos realizar um levantamento sobre o uso do solo que se fazia nas principais ruas da cidade, durante a segunda metade do século XIX, principalmente, buscando entender como se dava a (re) produção do espaço na Cidade da Parahyba.

Os aqui denominados documentos históricos são reproduções de fontes primárias passíveis de serem utilizadas pelos pesquisadores de um modo geral. Configuram-se enquanto evidências de tempos idos, produzidas no momento em que o fato histórico que se está pesquisando ocorria, e utilizadas hoje para reconstruí-lo. Atualmente, existe uma harmonia entre historiadores e cientistas sociais que realizam pesquisas históricas, de que essas fontes primárias tanto podem ser escritas, como não, e são explicitadas das mais diversas formas e tipos, como por exemplo: cartas, documentos registrados em cartórios, diários, objetos, edificações, testemunhos orais etc.

Um documento histórico é fonte para quem estuda e analisa os tempos passados, na medida em que pode tanto auxiliar na resolução de questões formuladas para a pesquisa, como no alcance dos objetivos propostos pela mesma. Este trabalho configura-se como uma aproximação entre o pesquisador e a realidade de um tempo passado. Assim, para aquele que realiza sua pesquisa sob a luz da geografia histórica, a análise documental é a maneira de ampliar a noção do espaço durante o período temporal que se pretende reconstruir.

Para Jacques Le Goff, “o que sobrevive não é aquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo” (1996: 535). Portanto,

o autor enfatiza que dentre os documentos encontrados, o pesquisador deve “escolher” aquele que mais se adequar ao seu objeto de pesquisa, a fim de analisá-lo e interpretá-lo, ou seja, cabe ao pesquisador “tirar dos documentos tudo o que eles contêm e em não lhes acrescentar nada do que eles não contêm [...] se mantém o mais próximo possível dos textos.” (idem, ibidem, p. 536). Essa “escolha” nem sempre se dá aleatoriamente, daí cabe trazermos um pouco da discussão acerca da existência ou não da neutralidade científica. Faz-nos importante relatar que alguns pesquisadores deixam de explanar determinados documentos para tentar comprovar uma hipótese que não se fundamenta, mas nas quais se baseiam. Esse problema pode ocorrer quando falta no pesquisador rigor científico e conceitual.

Quanto à imprensa e aos anúncios veiculados na mesma, estes podem ser utilizados enquanto fonte documental nas pesquisas em geral, e vários foram os autores que se utilizaram destas fontes para a realização das suas pesquisas. Luca (2005) nos conta que Gilberto Freyre, através de anúncios de jornais analisou algumas características da sociedade brasileira durante o século XIX. A autora enfatiza ainda que muitos pesquisadores não dispensavam a análise dos jornais para realizarem seus estudos, “seja para obter dados de natureza econômica (câmbio, produção e preços) ou demográfica, seja para analisar múltiplos aspectos da vida social e política” (LUCA, 2005: 117). Dessa forma, justifica-se a imprensa enquanto objeto de estudo, ou mesmo, enquanto recurso metodológico para realização de pesquisas, sobretudo aquelas que tratem do espaço urbano, por tratar-se de um instrumento capaz de apontar ou relatar as transformações ali ocorridas, visto que já no final do século XIX e início do século XX, espaço citadino

[...] abrigava uma infinidade de publicações periódicas: almanaques, folhetos publicitários de casas comerciais e indústrias; jornais de associações recreativas, de bairros e das destinadas a etnias específicas; folhas editadas por mutuais, ligas e sindicatos operários, até os grandes matutinos e as revistas ditas de variedades, principal produto da indústria cultural que então despontava. (LUCA, 2005: 121)

A análise dessas publicações nos possibilita reescrever o espaço. Ao debruçarmo-nos sobre os anúncios comerciais e de serviços veiculados nestas publicações, é possível inferir o uso de solo de suas ruas; mapear os serviços oferecidos na cidade, as especificações de algumas ruas, os diversos estilos e padrões de vida que podiam ser encontrados neste espaço durante o período pesquisado, e por fim os grupos sociais, ou classes sociais. Portanto, o material publicitário

veiculado na imprensa torna-se uma importante fonte para o entendimento da paisagem urbana da cidade ora analisada conforme demonstraremos a seguir.

Usos e Funções na/da Cidade da Parahyba na segunda metade do século XIX através dos anúncios publicitários.

A Cidade da Parahyba adentra a segunda metade do século XIX com características dominantes de um aglomerado colonial. Ruas tortuosas, becos e ladeiras marcavam um cenário ainda limitado às suas duas porções de origem, a Cidade Baixa e a Cidade Alta, que assim eram denominadas devido à topografia em que foram implantadas, onde a primeira, chamada também de Varadouro, estendia-se do vale do rio Sanhauá ao tabuleiro e a segunda localizava-se sobre esta outra base geomorfológica.. Esse tipo de estruturação da cidade em duas partes distintas era característico das cidades de colonização portuguesa e representava não somente uma divisão física, mas também refletia uma organização funcional que, como demonstra Manoel C. Teixeira (2004), estruturava-se da seguinte forma:

A cidade alta, para além de corresponder ao núcleo defensivo, era o local do poder institucional, militar político e religioso, aí se localizava também o tecido habitacional com um estatuto mais elevado. A cidade baixa correspondia fundamentalmente às atividades marítimas e comerciais, aos respectivos serviços e equipamentos – armazéns, alfândega, ferrarias, estaleiros – e às áreas habitacionais mais pobres. (TEIXEIRA, 2004: 24)

Essa organização funcional não era diferente na Cidade da Parahyba da segunda metade do século XIX, onde na Cidade Alta se localizavam os edifícios públicos e administrativos, como o Palácio do Governo, a Tesouraria da Fazenda, alguns prédios de ensino primário e o Paço Municipal; os edifícios religiosos, como as Igrejas Matriz, Misericórdia, Rosário, Mãe dos Homens, Martyrio, São Bento, São Francisco, Carmo, Mercês, Santa Tereza e Rosário, os conventos dos Carmelitas, dos Franciscanos e dos Beneditinos; e ainda as residências das famílias mais abastadas. Já na Cidade Baixa, localizavam-se os edifícios ligados ao porto, como a alfândega e a capitania do porto, e ainda o comércio da cidade.

A pesquisa nos anúncios de jornais contribuiu fortemente para o entendimento das características funcionais da Cidade da Parahyba no período analisado, à medida que pontua os tipos de uso das edificações situadas nas diversas ruas das porções da Cidade Alta e Cidade Baixa. Os anúncios evidenciam os usos já conhecidos e generalizados nos diversos apontamentos

sobre a cidade, como também revelam outros, desconhecidos. Eles ainda refletem os costumes dos cidadãos, à medida que mostram os objetos e serviços utilizados pela população, portanto, são fontes importantíssimas para análise do cotidiano da cidade. Neste trabalho, como já foi mencionado, nos deteremos a mostrar os usos de algumas ruas da Cidade da Parahyba. Para tanto, elegemos aquelas mais importantes, que foram mais simbólicas para a cidade. Começamos então pela Cidade Alta.

Entre as ruas que configuravam a cidade Alta na segunda metade do século XIX as que mais são mencionadas nos anúncios da imprensa da segunda metade do século XIX são ruas Duque de Caxias, General Osório e Visconde de Pelotas, devido à sua representatividade. Estes revelam que nessas ruas se concentrava um número considerável de estabelecimentos voltados à prestação de serviços. A presença desses serviços ocorria porque nelas residiam as classes de *status* mais elevado, que entre outros, era composta por profissionais liberais, como advogados, médicos, dentistas, professores, que geralmente possuíam escritório próximo ou mesmo dentro de sua residência.

A maior parte dos anúncios sobre escritórios de advocacia da cidade revela fundamentalmente a presença desses estabelecimentos na Rua Duque de Caxias e Visconde de Pelotas, chamadas no período analisado de Rua Direita e Rua das Mercês, respectivamente. São exemplos os seguintes documentos:

[...]... o abaixo assignado bacharel formado em direito advoga no civil e commercial, e acha-se estabelecido com escriptório na Rua Direita desta Cidade n.59... (Jornal "A Regeneração", 1862)

O abaixo assignado bacharel formado em direito advoga no civil e commercial, e acha-se estabelecido com escriptório na rua Direita, n.50. (Jornal "A Regeneração", 1862)

O BACHAREL Joaquim Moreira Lima abriu o seu escriptorio de advocacia á rua das Mercêz n. 16, onde póde ser procurado todos os dias úteis das 9 horas do dia ás 3 horas da tarde para os misteres de sua profissão. Fora dessas horas, será encontrado em seus sitio Paul, ao Tambiá, lugar de sua residência. (Jornal "O tempo" 1865)

Já os anúncios de escritórios médicos encontram-se concentrados nas ruas Duque de Caxias e na Rua General Osório, então Rua Nova:

O Dr. J. F. R. de Bubões, medico e operador, chegou á esta capital. Offerece ao

publico os préstimos da sua profissão, para o que poderá ser procurado á rua Nova casa n. 4. onde não se achando, poder-se-há deixar carta, indicando a rua e o numero da casa em que se demanda a sua presença. Espacialidades: febres, moléstias de meninos e mulheres, doenças de pele. Extrahe dentes por methodo simples e pouco doloroso a 2\$ em casa, e fora a 4\$. (Jornal "O Imparcial", 1861)

Medico - Dr. Eugenio Toscano - Escritorio e residência rua Duque de Caxias N.81 (Jornal "Gazeta da Parahyba", 1889)

Nas referidas ruas, Duque de Caxias e General Ozório, também foram encontrados todos os anúncios de ensino, que em sua totalidade eram aulas particulares, que representava o tipo de de escolarização do século XIX, denominada de "bancos escolares" e que se realizava no interior das casas dos professores. Geralmente oferecia-se uma ou mais disciplinas, como apontam os seguintes documentos:

O abaixo assignado avisa aos pais de familias, que o ensino de sua aula particular de 1.^a letras e grammatica latina terá principio no dia 7 de janeiro do corrente na casa n. 50, sita na rua Direita d' esta cidade. O mesmo declara que a paga mensal de cada alumno será 3\$, e a sua aula será funcionada duas vezes por dia. *João Licinio Vellozo*. (Jornal "O Imparcial!", 1861).

Francisco d'Assis autorizado pelo Exm. Presidente da província para lecionar latin, francez, inglez e gramatica filosofica de lingua portugueza, tem a honra de avizas ao responsável público que continua em seus trabalhos didactos á rua Marquez do Herval, alias (Rua Nova) n.22, das 9 horas ás 2 da tarde. (Jornal "O liberal Parahybano", 1879)

J. J. Enrique da Silva continua a leccionar portuguez e latin. Pode ser procurado á rua Duque de Caxias (antiga Direita) n. 120. (Jornal "O liberal Parahybano, 1883).

Anna Carolina Carneiro da Cunha Aranha, declara aos pais de família que, nesta data, abrio aula de ensino primário na casa n.48, sita á rua Marques do Herval d'esta cidade. (Jornal da Parahyba, 1883).

Neste período, na compartimentação da cidade Alta já começa a aparecer um insipiente comércio para atendimento direto da população que nela residia, como era o caso da "Pharmácia Popular" (O Liberal Prahybano, 1883), que se encontrava à Rua Duque de Caxias. Outros comércios eram loja de flores e papelaria, alguns serviços como o de barbeiro e ainda uma tipografia..

No que se refere à Cidade Baixa, desde sua origem, esta área da cidade esteve voltada

para as atividades portuárias e por conseguinte para o comércio, como já apontamos anteriormente. As ruas que foram surgindo eram comerciais e residenciais e seus imóveis caracterizavam-se por abrigar, no térreo, a loja e, no pavimento superior, a família do comerciante. Outras surgiram como acessos melhorados para a Cidade Alta. Na segunda metade do século XIX, as ruas de maiores destaques eram a as ruas Maciel Pinheiro, Areia e Varadouro.

A Rua Maciel Pinheiro, que no período estudado era denominada de Rua das Convertidas, depois Rua Conde d'Eu e ainda Rua do Comércio, era a principal rua comercial na cidade, durante o período analisado. Esta via concentrava o comércio retalhista paraibano, como também estavam nela instalados o comércio de comestíveis (alimentos), calçados, ferragens, tabernas, farmácias, loja de jóias, conserto de relógio, padaria, fábrica de cigarros, boticas, livrarias e drogarias. A maior parte dos anúncios comerciais dos jornais cita esta via.

O comércio retalhista é o que mais tem destaque. As ditas lojas de fazendas (venda de tecidos) aparecem com muita frequência nos anúncios dessa via. Havia a necessidade de mostrar que esses tecidos eram importados principalmente de Paris, pois a moda e os costumes eram fortemente influenciados pelos costumes dos grandes centros da Europa. Os documentos a seguir demonstram:

Saut-embarques e Basquines. Alem do grande e variado sortimento de fazendas de apurado gosto, que acaba de chegar em direitura de Paris, na galera franceza *Adele*, á loja das Convertidas n. 24, de Antonio Rodrigues da Costa e C. ^a, veio mais um completo sortimento de capas de pano fino denominado Saut-embarques e basquines, as quaes estõ no ultimo rigor da moda, e os annunciantes chamam a attenção dos senhores chefes de família, e dos amadores do bom gostopara as referidas capas, visto que os annunciantes as estão vendendo pelo custo da factura; [...] (Jornal "O tempo", 1865)

Antonio Dias Pinto participa ao respeitavel publico desta cidade, que recebeu um grande e bonito sortimento de fazendas, calçados e enfeites para senhoras, e outras fazendas vindas em direitura de Paris; pelo que convida a todos os chefes de familia para em pessoa verem as suas fazendas, promettendo fazer todo o negocio, e por preços mais modicos que em outra qualquer loja, para o que desde já apresenta com especialidade algumas fazendas, deixando de publicar todas ellas por se tornar enfadonho. (Jornal "O tempo", 1865)

Chama-se a attenção dos moradores de bom gosto, para o grande sortimento de fazendas que acaba de chegar da Europa em direitura à loja n. 24 da Rua das Convertidas de Antonio Rodrigues da Costa e C.a, successores de José d'Azevedo e Silva, pelo paquete francez <<Estre madure>>, as quais se vendem

a dinheiro e a vista pelos preços mais commodos, garantindo-se serem os melhores padrões, que tem vindo a este mercado. Os annunciantes pretendem continuar sempre a receber sortimentos de fazendas de Pariz do ultimo gosto, afim de satisfazerem os desejos dos amantes e mais pessoas que quizerem possuir o que é bom; garantindo-se suas boas qualidades, e sinceramente nas venda que tiverem de fazer. (Jornal “O tempo”, 1865)

Sobre a Rua Maciel Pinheiro, encontramos também um grande número de anúncios de lojas de vendas de máquinas, principalmente de costura e para desencaroçar algodão, demonstrando o processo de mecanização do trabalho na cidade. As máquinas eram no geral importadas, como mostra os seguintes anúncios:

Machinas das serras Americanas. Para descaroçar algodão. Acabam de chegar a rua das Convertida, loja n. 24, de Antonio Rodrigues da Costa & C^a, um completo sortimento dessas machinas de treze e desenove serras; para as quaes chama-se a atençao dos Srs. Agricultores, garantindo-se-lhes sua boa qualidade, e comodidade nos preços, de conformidade com o numero de serras de cada uma. O grande consumo e procura que tem apparecido na praça de Pernambuco para a venda de referidas machinas, provam cabalmente sua boa qualidade para o mister que se requer. Parahyba 20 de maio de 1865. (Jornal “O tempo”, 1865)

Machinas de costura. Grande sortimento, dos melhores fabricantes americanos, systemas inteiramente ----- preços muita ----- mao e de pé, com caixas muito elegantes. Garante-se a solidez. Vende-se nos armazens de Mello á rua Conde d’Eu n. 50 e 52 (O Liberal Prahicano, 1879).

Os anúncios também revelam a presença na Rua Maciel Pinheiro de lojas de miudezas, como chamavam aquelas que vendiam de tudo, farmácias, livrarias e calçados:

A BOA FAMA. LOJA DE MIUDEZAS DE ADOLPHO EUGENIO SOARES. N. 16 ---- RUA DAS CONVERTIDAS---N. 16. Este estabelecimento, o unico nesta provincia, constando de miudezas charutos, calçados, perfumarias, etc., etc., etc., offerece todas as vantagens aos senhores concorrentes, não só pela escolhida variedade de artigo que se compõe, como pela modicidade de seus preços, garantindo todas as suas mercadorias serem de primeira escolha, e recebe-las, caso não agradem aos compradores, mediante a essencial condição de DINHEIRO A VISTA. O annunciante tem por divisa vender barato PARA VENDER MUITO. (Jornal “O tempo”, 1865)

Depósito de medicamentos homeopathicos da PHARMACIA HOMEOPATHICA DA VIUVA SABINO & FILHO. Único agente na

Parahyba. M. E. Pompeu D'Oliveira À Rua Conde d'Eu. (O Liberal Prahybano, 1879).

Livraria Econômica De Manoel Ezequiel Pompeu d'Oliveira N. 56 – Rua Conde d'Eu – N. 56. Esta livraria acaba de receber um variado sortimento de diversos artigos, a saber: Livros em portuguez, francez e inglez Literatura, Viagens, Romances, Poezias Ricos manuaes da missa e confissão com capa de veludo, me --- e dourado e outros livros devotos. Tudo quanto diz respeito à Educação Primária e Secundaria. PAPELARIA Papel inglez e francez das melhores marcas Enveloppes commerciaes brancos e de cores, ditos para officios, cartas, convites, tarjados de preto Papel de Seda para flores (lindas cores)... GRANDE DEPOSITO DE PAPEL ...OBJETOS PARA ESCRITORIO ... DESENO ... DEPOSITO DE MUSICAS JORNAES (rasgado). (Jornal “O Liberal Prahybano”, 1879).

Grande sortimento de calçado francez, chegado á loja da rua das Convertidas n. 24, de Antonio Rodrigues da Costa & Ca.Os annunciantes chamão a atenção do respeitavel publico, para o sortimento de calçado, que acabam de receber em direitura de Paris, na galera franceza *Adele*, o qual se acha o mais fresco possivel, e estão resolvidos a venderem-no aos seguintes preços: Borseguins de superior bezerro para homem, o par, 9\$000. Ditos com enfeites do mais moderno gosto para senhoras. 5\$000. Ditos de couro de porco para homem 5\$500. (Jornal “Gazeta da Parahyba”, 1889)

Podemos notar em todos os anúncios de comércio e serviço da Rua Maciel Pinheiro, a valorização ao que era importado. Como já havíamos mencionado isso se dava pela grande influência dos grandes centros, como Paris, sobre o país e também sobre a cidade ora analisada. Assim era muito comum se ver anúncios revelando o lugar do exterior de onde vinham, como por exemplo: **MACHINAS AMERICANAS** (O Liberal Prahybano, 1879), **CAL DE LISBOA** (Jornal “O tempo”, 1865), **SABÃO INGLEZ** (Jornal “Gazeta da Parahyba”, 1889).

No que se refere à Rua da Areia, podemos dizer que esta era uma via eminentemente residencial. Os anúncios apontam para a existência de prestação de serviços na mesma, com destaque àqueles de profissionais liberais, como médicos principalmente, e serviços gerais, como concerto de relógios e tinturaria:

Consultorio Medico – cirúrgico. Rua da Areia – n. 3. O Dr. Antonio da Cruz Cordino, tendo chegado da corte no exercicio de sua profissão, pode ser procurado na mesma casa em que reside d'esde o anno de 1857. (Jornal “O tempo”, 1865)

Gabinete medico. O Dr. Jacintho Silvano Santa Rosa está residindo na rua da Areia, sobrado n. 104, onde poderá ser procurado a qualquer hora para o exercicio de sua profissão. Consultas e visitas gratis aos pobres; e os chamados deverão ser por escripto. (Jornal “O tempo”, 1865)

Relojoaria - n.º 40 -Rua da Área - n.º 40. Se consertão e limpão-se e vende-se relógios, tudo afiançado. (Jornal “Gazeta do Governo da Paraíba do Norte”, 1859)

Tinturaria. Coures e Lavagens todos os dias. Tinturaria Preta nas 3as e 6as Feiras Encarregado Manoel Gouveia. Tinge-se de preto e de qualquer côr; casimiras, sedas lans, e qualquer fazenda em peças ou em obras. Lava-se e tira-se nodoas de qualquer espécie com perfeição e nitidez. Recebe-se os trabalhos na Rua Barão da Passagem n. 38. N. B. Os pagamentos serão feitos no acto de entrega. Manoel Gouveia. Parahyba.” (Jornal “Diário da Parahyba”, 1884).

Na Rua do Varadouro, na Cidade Baixa, encontramos a presença de serviços que no período analisado eram tidos como de grande luxo, dá-se destaque ao Hotel da Barra e a um estúdio fotográfico:

HOTEL DA BARRA *Rua do Varadouro n. 2, 1.º andar.* Neste estabelecimento encontrarão as pessoas que se dignarem honra-lo, comida com asseio e por preço comodo; assim como quartos com os preparos necessarios para dormida, e um excellent bilhar para entretenimento. Sendo este um estabelecimento novo, o proprietario se esforçará para bem servir á seus freguezes, para dahi grangear a fama que deseja ter. Ha café a qualquer hora. (Jornal “O Liberal Prahybano”, 1879).

FOTOGRAFIA. (Rua do Varadouro N. 2. 2º andar). O phofographo de F. da Rocha Athayde desejando que se desenvolver entre os seus patrícios o gosto pelos retratos em cartão de visita tem resolvido baixar o preço para uma duzia 8.000 as mais a 7.000. Meia duzia somente 6.000. Tendo removido as dificuldades com que furtava. A boa disposição de suz, garante pouco incommodo e quasi nenhum tempo perdido. Espera breve um sortimento de caixas para 2.000: assim como previne que neste dous mezes via ao interior da provincia, onde pretende demorar-se. (Jornal “Gazeta da Parahyba”, 1889).

Portanto, podemos notar que a pesquisa nos anúncios da Cidade da Parahyba na segunda metade do século XIX, deixa evidente as distinção de funções urbanas que havia entre as ruas da Cidade Alta e as da Cidade Baixa, onde na primeira nota-se a maior presença daqueles voltados à prestação de serviço, revelando ainda um insipiente comércio e na segunda fica claro a forte presença do comércio e alguns serviços. Além disso, é perceptível a valorização dada pela elite

aos artigos importados e também a necessidade que a indústria moderna tinha de exportar os produtos manufaturados para os países “periféricos” ou as ex-colônias. Certo é que nesse processo de expansão do capitalismo industrial, as cidades passam por transformações. Transformações estas que podem ser lidas ou apreendidas através da pesquisa nos jornais, seja nas matérias jornalísticas, mais usualmente utilizadas, seja nos anúncios publicitários conforme expomos.

Referências Bibliográficas

GREGORY, D. J. La acción y la estructura de la Geografía Histórica. In: CORTEZ, Cláudio (Org.). **Geografía Histórica**. México: Instituto de Investigaciones Dr. José María Luis Mora, 1991, p. 103-113.

JUCÁ. Gisafran Nazareno Mota. História e Memória. **A oralidade dos velhos na polifonia urbana**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2003.

LE GOFF. Documento/Monumento. In: **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

NORTON, W. La condición actual de la geografía histórica. In: CORTEZ, Cláudio (Org.). **Geografía Histórica**. México: Instituto de Investigaciones Dr. José María Luis Mora, 1991, p. 55-85.

PHILO, Chris. História, geografia e o “mistério ainda maior” da geografia histórica. In: GREGORY, Dereck et al. (org.) **Geografia Humana: sociedade, espaço e ciência social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

PINSKY, Carlos Bassanezi. (org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

SAUER, Carl O. Introducción a la Geografía Histórica. In: CORTEZ, Cláudio (Org.). **Geografía Histórica**. México: Instituto de Investigaciones Dr. José María Luis Mora, 1991, p. 35-52.

TEIXEIRA, Manoel C.. Os modelos urbanos portugueses da cidade brasileira. In: TEIXEIRA, Manoel C. (Org) **A Construção da Cidade Brasileira**. Lisboa: Livros Horizontes, 2004.

VASCONCELOS, P. A. . Questões metodológicas na Geografia Urbana Histórica. In: VASCONCELOS, P.A.; Silva, S.B.M.. (Org.). **Novos Estudos de Geografia Urbana Brasileira**. 1 ed. Salvador: UFBA, 1999, v. 1, p. 191-201.

Fontes Documentais

Jornais:

A Regeneração, publicações entre os anos de 1861 a 1862.

Diário da Parahyba, publicações no ano de 1884

Gazeta da Parahyba, publicações entre os anos de 1888 a 1889.

Gazeta do Governo da Paraíba do Norte, publicações no ano de 1859.

Jornal da Parahyba, publicações no ano de 1861.

O Liberal Prahvano, publicações no ano de 1879.

O Imparcial, publicações no ano de 1861.

O tempo, publicações no ano de 1865